

SAMUEL D. KASSOW

# Quem escreverá nossa história?

*Os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia*

*Tradução*

Denise Bottman



Copyright © 2007 by Samuel D. Kassow. Primeira edição em inglês publicada por Indiana University Press (Bloomington e Indianapolis). A presente tradução foi publicada mediante acordo com Indiana University Press e Vintage Anchor Publishing, uma divisão de Random House, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Who will write our history? — Emanuel Ringelblum, the Warsaw Ghetto, and the Oyneg Shabes Archive

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

Bar Am Collection / Magnum Photos / LatinStock

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Carmen S. da Costa

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kassow, Samuel D.

Quem escreverá nossa história? : Os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia / Samuel D. Kassow ; tradução Denise Bottman — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Who will write our history? — Emanuel Ringelblum, the Warsaw Ghetto, and the Oyneg Shabes Archive

ISBN 978-85-359-1559-4

1. Holocausto Judeu (1939-1945) - Varsóvia - Polônia - História 2. Judeus - Perseguições - Varsóvia - Polônia 3. Levante do Gueto de Varsóvia, 1943 - Varsóvia - Polônia - História 4. Oyneg Shabes (Grupo) 5. Ringelblum, Emanuel, 1900-1944 I. Título.

09-09833

CDD-940.531853841

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Emanuel Ringelblum, o Gueto de Varsóvia e o Arquivo Oyneg Shabes : História 940.531853841

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

Agradecimentos . . . . .	II
Nota sobre a grafia . . . . .	13
Introdução . . . . .	17
1. De “Bichuch” a Varsóvia . . . . .	35
2. O discípulo de Borochoy . . . . .	47
3. História para o povo . . . . .	73
4. Organizando a comunidade — Assistência e auxílio mútuo. . . . .	122
5. Uma turma de camaradas . . . . .	186
6. As diversas vozes do judaísmo polonês . . . . .	261
7. Sinais de vida e morte — Textos do arquivo . . . . .	279
8. Más novas . . . . .	348
9. A missão final de um historiador . . . . .	404
Apêndice A. Diretrizes para um estudo das relações polaco-judaicas . . . . .	469
Apêndice B. Diretrizes para um estudo do Gueto de Varsóvia. . . . .	473
Apêndice C. Diretrizes para um estudo do <i>shtetl</i> judaico . . . . .	477
Notas. . . . .	483
Bibliografia selecionada . . . . .	565
Índice remissivo . . . . .	579

# I. De “Bichuch” a Varsóvia

## GALÍCIA

Será mera coincidência que a maioria de historiadores judeus da Europa Oriental tenha vindo da Galícia, que fazia parte do império dos Habsburgo? Lwów gerou Meyer Balaban, Philip Friedman e Natan Gelber. Tarnów foi a terra natal de Isaac Schiper e Salo Baron. Rafael Mahler, amigo de toda a vida de Ringelblum, e Arthur Eisenbach, seu futuro cunhado, cresceram na cidadezinha de Nowy Sącz. Todos vinham de uma região que apresentava várias diferenças significativas em relação à Lituânia judaica e ao Congresso da Polônia, logo depois da fronteira russa. Eram frutos de um meio cultural que somava uma excelente educação polonesa a um forte nacionalismo judaico. O governo dos Habsburgo era mais brando, as oportunidades educacionais eram maiores. Na época da formação de Ringelblum, o judaísmo da Galícia passava por um processo decisivo de redefinição e exame interno.

Emanuel Ringelblum nasceu em Buczacz (Bichuch, em ídiche), na Galícia Oriental, em 21 de novembro de 1900. Antes pertencente à Polônia, a província tinha passado para o domínio dos Habsburgo em 1772, vindo a integrar a nova República polonesa em 1918-9. A área de Buczacz também era conhecida como Podolia.

A Buczacz da infância de Ringelblum era uma cidadezinha bonita, cercada de montes arborizados e aninhada numa curva do rio Strypa. No alto, sobranceando a cidade, havia um velho castelo abandonado, “*der puster shlos*”, onde, segundo a tradição, o lendário rei polonês Sobieski havia montado uma valente emboscada contra os invasores tártaros. Nos sábados à tarde, casais de jovens namorados iam explorar os inúmeros túneis que se ocultavam sob o castelo.<sup>1</sup> O grande escritor hebreu Shmuel Yosef Agnon — primo de Ringelblum — cresceu em Buczacz e deixou uma bela descrição da terra natal no conto “*B’tokh iri*” (Em minha cidade).<sup>2</sup> Dominava a cidade o esplêndido Ratusz, ou prefeitura, um imponente marco barroco construído pelo príncipe Nikolai (Mikołaj) Potocki no século XVIII. Buczacz pertencera por muito tempo aos Potocki, uma das maiores famílias latifundiárias da Polônia. Como outros magnatas poloneses, os Potocki — empenhados em desenvolver seus interesses econômicos — fizeram concessões para atrair judeus.<sup>3</sup>

Desde o começo Buczacz fora um povoado de maioria judaica. Em 1870, 68% da população era composta por judeus (6077 num total de 8959 habitantes); em 1900, ano do nascimento de Ringelblum, havia 6730 judeus num total de 11 755 habitantes, ou 57,3% da população. Os campos ao redor eram maciçamente ucranianos.

Buczacz era uma cidadezinha pobre, como a maioria das cidades na Galícia, com poucas indústrias. Os judeus dominavam o comércio, sobretudo de cereais e outros produtos agrícolas, mas o baixo poder aquisitivo da população rural restringia seriamente as possibilidades econômicas. Com o tempo, o crescimento de cooperativas ucranianas e polonesas iria desferir um outro golpe pesado na situação econômica dos judeus. As sombrias perspectivas econômicas serviram como um forte estímulo para a emigração. Muitos judeus, entre eles Jacob Freud, pai de Sigmund Freud, foram para Viena. Shmuel Yosef Agnon, futuro ganhador do prêmio Nobel, também saiu da cidade ainda jovem.

Fayvish, pai de Emanuel Ringelblum, era um cerealista respeitado, mesmo que não tivesse especial destaque entre a comunidade judaica, e se considerava um *maskil*, seguidor do Iluminismo judaico. Alguém que o conheceu durante a Primeira Guerra Mundial disse que “parecia um judeu do povo [*folksmensh*], um ‘judeu judaico’ [*yidishlekheryid*]. Vestia-se meio como judeu, meio como europeu, sem cachos laterais, mas com uma barba ruiva aparada”.<sup>4</sup> Munie, mãe de

Ringelblum, em solteira Heler, morreu quando o filho tinha doze anos. Mais tarde ele usaria o nome materno como pseudônimo literário.

Fayvish queria que os filhos — dois meninos e duas meninas — tivessem uma formação sólida em temas judaicos e também seculares.<sup>5</sup> Quando criança, Ringelblum estudou num *heder* (escola primária judaica) moderno — como se dizia, um *heder metukan*<sup>6</sup> — e frequentou durante um ano o liceu polonês local, antes que a família fugisse da invasão russa em 1914. Também participou de uma organização da juventude sionista comandada pelo dinâmico Zvi Heller, que depois emigrou para Israel. Natan Eck, que trabalhou com Ringelblum no Gueto de Varsóvia, comentaria mais tarde que Ringelblum adorava contar histórias de sua infância em Buczacz.<sup>7</sup>

Ele nunca voltou a morar na cidade natal, mas referia-se frequentemente aos anos de infância lá passados. Buczacz, de modo geral, era igual a outras cidadezinhas judaicas na Europa Oriental, e o jovem Emanuel cresceu numa atmosfera dominada pela cultura popular judia. Mas, em certos aspectos, Buczacz era diferente. A Podolia e a Galícia Oriental eram bastiões hassídicos — afinal, lá nascera Ba'al Shem Tov —, ao passo que Buczacz era um bastião da Haskalá, o Iluminismo judaico. Os hassidim eram minoria,<sup>8</sup> e essa sua relativa fraqueza facilitou o desenvolvimento de vigorosas organizações sionistas em Buczacz antes da Primeira Guerra Mundial. Um terço dos alunos do colégio polonês local eram judeus, que recebiam uma sólida formação nos clássicos e tinham contato com a alta cultura polonesa e europeia. Entre os professores mais apreciados do colégio, muitos eram judeus.<sup>9</sup> A cidade se orgulhava de contar com uma grande escola primária, Barão de Hirsch, criada para dar formação geral e técnica aos alunos judeus. Concluído o ensino fundamental, alguns iam para o liceu, outros escolhiam algum ofício. No começo do século, vários ex-alunos que tinham ficado em Buczacz já haviam formado um incipiente movimento trabalhista judaico.<sup>10</sup>

Mas, se os garotos judeus recebiam uma educação polonesa, nem por isso se tornavam poloneses. A intelectualidade galício-judaica, por mais aculturada que fosse, estava cercada de uma sólida e vibrante cultura popular ídiche, em muitos lugares alimentada por tradições hassídicas de raízes profundas.

Os judeus de Buczacz — como outros judeus galícios — achavam uma sorte viver desse lado da fronteira russa. Não precisavam se preocupar com cotas rígidas barrando o acesso a colégios e universidades. A elite política polonesa havia montado uma rede de colégios poloneses com ingresso livre para alunos judeus,

fazendo do polonês a língua preferida dos judeus galícios instruídos. O “*gymnasium*” galício inculcava disciplina e hábitos de trabalho sistemático. Enquanto isso, do outro lado da fronteira russa, milhares de jovens judeus desesperados iam estudar no exterior ou desperdiçavam inúmeros anos tentando passar nos exames para entrar na universidade. Muitos, amargurados e desesperançados, ingressavam no movimento revolucionário. Na Galícia, apenas os recursos financeiros — e não as cotas de lei — se interpunham entre os jovens judeus e as grandes universidades do império. Podiam escolher uma educação germânica em Viena ou uma universidade polonesa em Cracóvia ou Lemberg (Lwów). Muitos frequentavam as duas. O diploma universitário não garantia a prosperidade; havia pouquíssimos empregos para os formados. (Os judeus menos afortunados do outro lado da fronteira russa gostavam de gracejar a propósito da presença ubíqua de “doutores” — muitas vezes sem um tostão — que lotavam o mais minúsculo *shtetl* galício.) Mas é inquestionável que essa intelectualidade galício-judaica de formação universitária, com seu lustro de cultura europeia, conferia ao judaísmo um caráter próprio. Nos primeiros anos da República polonesa, muitos judeus galícios, entre eles Emanuel Ringelblum, seguiriam para Varsóvia. Lá, na nova capital do novo Estado, eles utilizaram suas excelentes credenciais universitárias e polonesas para conseguir colocação como professores em escolas públicas para crianças judias e escolas secundárias judaicas, e como administradores em várias instituições judaicas.

À diferença de seus irmãos da Lituânia, da Rússia e do Congresso da Polônia, os judeus da Galícia também desfrutavam do clima político mais favorável do império dos Habsburgo. Tinham conquistado a emancipação legal na década de 1860. Muito antes das primeiras eleições da Duma na Rússia, em 1906, os judeus do império já participavam do processo político. Durante a infância de Ringelblum em Buczacz, a cidade teve um prefeito judeu, Berish Shtern, e um chefe de polícia judeu.<sup>11</sup> Os judeus na Galícia se sentiam mais seguros que os judeus russos, com uma imprensa relativamente livre e uma rica vida associativa, com mais salvaguardas legais em vigor. Os *pogroms* eram mais raros, a repercussão da política revolucionária era menor. De fato, mais tarde Ringelblum iria relemburar sua emoção ao entrar em contato pela primeira vez, em 1920 em Varsóvia, com jovens judeus do Congresso da Polônia que tinham participado de lutas contra o tsar e tinham tradição revolucionária.<sup>12</sup> Mesmo assim, os judeus da Galícia tiveram sua parcela de confronto e luta política, sobretudo na década anterior à Primeira Guerra Mundial.

Ainda que os judeus gozassem dos benefícios políticos e educacionais da monarquia habsbúrgica, havia nuvens no horizonte, e os anos de infância de Ringelblum presenciaram profundas mudanças que transformaram o judaísmo galício. As mesmas reformas que trouxeram a emancipação aos judeus na década de 1860 também puseram o poder político nas mãos da nobreza polonesa na Galícia. A maioria dos judeus de classe média transferiu sua lealdade da cultura germânica para a cultura polonesa. Muitos líderes judeus também pregavam a assimilação: os judeus deviam se tornar “poloneses de fé mosaica”. Mas, na época em que Ringelblum nasceu, o apoio aos assimilacionistas tinha diminuído muito entre a sociedade judaica galícia. Mesmo que falassem polonês em casa e mandassem os filhos a escolas polonesas, muitos judeus galícios cultos se ressentiam agudamente do crescente antissemitismo polonês e da recusa de lhes retribuir a lealdade cultural com plena aceitação na sociedade. Segundo alguns relatos, às vésperas da Primeira Guerra Mundial o abismo social entre judeus e poloneses, sobretudo na Galícia Oriental, havia aumentado desmesuradamente. Os poloneses e os judeus podiam frequentar o mesmo colégio, mas depois da escola seguiam caminhos separados.<sup>13</sup>

Na virada do século, boa parte da classe média galícia judaica não hassídica estava se convertendo ao sionismo. O sionismo na Galícia tinha menos a ver com uma emigração imediata para a Palestina do que com uma nova definição da judeidade. O sionismo galício, que em larga medida tratava de seus assuntos num esmerado polonês, simbolizava o nacionalismo judaico, uma autoconsciência judaica que podia conviver facilmente com a adoção da cultura não judaica. A Galícia prenunciou uma evolução típica da vida judaica na Polônia do entreguerras: uma aculturação cada vez maior, ao mesmo tempo rejeitando a assimilação. Com a escalada das tensões entre ucranianos e poloneses, sobretudo na Galícia Oriental, o nacionalismo judaico também se tornou uma maneira bastante prática de declarar neutralidade e evitar um fogo cruzado potencialmente perigoso. Cientes de que não conseguiriam atrair os judeus para a cultura ucraniana, os ucranianos preferiam o sionismo e o nacionalismo judaico a uma franca identificação judaica com a cultura e os objetivos poloneses. Os nobres poloneses, por sua vez, preferiam os judeus assimilacionistas ou os dóceis rabinos hassídicos que recusavam uma nacionalidade judaica própria e obedeciam aos ditames das autoridades polonesas. (Em Buczacz, eles tinham mantido por longo tempo uma relação bem próxima com Berish Shtern, o prefeito judeu.)



Na década anterior à Primeira Guerra Mundial, dois grandes acontecimentos desencadearam o confronto judeu-polonês e estimularam um intenso processo de redefinição nacional: a nova lei eleitoral de 1907 e o censo de 1910. A lei de 1907, que ampliava o direito de voto, mudou as regras do jogo político. Os sionistas viram aí a oportunidade de conseguir grandes avanços, e a elite polonesa teve razões para temer a perda do controle sobre o eleitorado judeu, que muitas vezes era o fiel da balança entre poloneses e ucranianos. Em Buczacz e outras localidades, as eleições de 1907 foram palco de sérias denúncias de intimidação polonesa e fraude nas urnas. O censo de 1910 presenciou uma intensa pressão polonesa sobre os judeus para declarar o uso do polonês como língua materna e, assim, dar base às reivindicações polonesas à hegemonia naquela área; as autoridades do censo não aceitavam o ídiche como opção. Num precedente da política judaica moderna, muitos judeus galícios, mesmo os que realmente usavam o polonês como língua, deram uma demonstração de desafio à comissão recenseadora e declararam o ídiche como língua materna. Numa irônica reviravolta, alguns rabinos hassídicos de fala ídiche, que detestavam o nacionalismo judaico moderno, insistiram com seus seguidores que declarassem como língua materna o polonês!

Por toda a Galícia, inclusive em Buczacz, a batalha do censo se tornou o símbolo da independência judaica em relação à tutela polonesa.<sup>14</sup> Quando Ringelblum entrou no ginásio de Buczacz, as relações entre os alunos poloneses e os alunos judeus já tinham atingido um altíssimo grau de tensão.<sup>15</sup>

Um efeito colateral da batalha do censo de 1910 foi o redespertar do interesse pela cultura ídiche moderna entre uma minoria restrita (mas que viria a crescer) da intelectualidade judaica. Esses intelectuais encontrariam apoio num nascente movimento trabalhista judaico. O movimento trabalhista judaico não era tão forte na Galícia como na Rússia; a Galícia praticamente não tinha indústria. Mas os ecos das lutas revolucionárias do outro lado da fronteira, na Rússia, por certo aumentaram o prestígio do Bund e do Poalei Sion, o partido fundado por Ber Borochoy em 1906. Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, os dois partidos contavam com organizações bem estabelecidas na região.<sup>16</sup>

Para os trabalhadores e estudantes que queriam combinar o marxismo radical, o sionismo e o idichismo, o meio ideal era o recente Poalei Sion. Muitos estudantes já tinham rompido com uma organização da juventude sionista mais numerosa, o Tseirei Sion, e haviam se filiado ao partido de Borochoy. Entre os

novos líderes do Poalei Sion galício havia dois estudantes universitários que, anos depois, exerceriam grande influência na vida de Ringelblum: Natan Buchsbaum e Isaac Schiper. Quando Buchsbaum entrou no partido, ignorava totalmente o ídiche. Num laborioso esforço de autodidatismo, ele aprendeu a língua e começou a usar a palavra nas reuniões de alfaiates e comerciários, que o partido estava tentando organizar. Em 1914 o partido já conduzia as reuniões em ídiche.

Além de ser um dos historiadores polaco-judeus de maior relevo, Schiper também foi um dirigente muito importante do Poalei Sion galício antes da Primeira Guerra Mundial. Nascido em Tarnów em 1884, Schiper já falava bem o ídiche e havia se interessado vivamente pela cultura ídiche desde o momento em que leu o artigo basilar de Ber Borochov, “As tarefas da filologia ídiche”, publicado em 1913. Em dezembro do mesmo ano, Schiper escreveu um artigo no jornal do partido em Lemberg, *Der Yidisher Arbeter*, desenvolvendo e explicando os argumentos de Borochov em favor do ídiche.

Assim, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o judaísmo galício havia passado por um intenso processo de autodefinição política. A ideologia assimilacionista tinha desmoronado; as mudanças políticas no império dos Habsburgo aceleraram a modernização da política judaica. Surgira uma intelectualidade judaica considerável, com boa instrução em polonês e alemão, mas identificada com o nacionalismo judaico. Se ao judaísmo galício faltavam as tradições revolucionárias do judaísmo russo, não lhe faltava um grande reservatório de quadros cultos que iriam desempenhar um papel fundamental na atividade política e cultural judaica na República polonesa do entreguerras. Foi esse o ambiente dos anos de formação de Ringelblum.

SANZ

Quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, no verão de 1914, Emanuel Ringelblum havia concluído o primeiro ano do liceu clássico polonês em Buczacz. Uma pesada ofensiva russa em setembro de 1914 rompeu as linhas austríacas e rumou para a Podolia. Horrorizados com os relatos de maus-tratos sofridos pelos judeus nas mãos dos russos, milhares de refugiados começaram a fugir para o oeste. A família de Ringelblum se juntou a essa torrente. Depois de uma breve permanência na cidade vizinha de Kolomeja, os Ringelblum se estabeleceram em

Nowy Sącz (Nay Sanz ou Sanz em ídiche), junto ao rio Dunajec, na Galícia Ocidental.

Arrancado à terra natal aos catorze anos de idade, Ringelblum teve de se adaptar penosamente à nova vida. A família enfrentava uma miséria extrema. Fayvish, que tinha se casado pela segunda vez, mal conseguia ganhar o sustento trabalhando no comércio local. Os seis se apinhavam numa casinha minúscula. Mendl Naygroshl, então com quinze anos e um dos novos amigos de Ringelblum, o visitou várias vezes em casa, e comentaria mais tarde: era um “lugar pobre, deprimente: uma cozinha pequena, uma sala apertada e cada centímetro de espaço ocupado com camas. [...] Sentia-se uma tristeza silenciosa na casa, a pobreza que havia tomado conta e a solidão de pessoas desenraizadas”.<sup>17</sup> Segundo Naygroshl, a madrasta e a irmã mais velha de Ringelblum eram as que pareciam mais deprimidas.<sup>18</sup> Apesar da pobreza da família, Emanuel continuou a estudar no colégio, sustentando-se com aulas a alunos mais novos.

As pessoas que fizeram amizade com Ringelblum em Sanz deixaram recordações muito diferentes. Naygroshl lembrava dele jovem — chamavam-no de Edek ou Edzia — como um rapaz triste e sério, que raramente sorria.<sup>19</sup> Por outro lado, o futuro historiador Rafael Mahler, que se tornaria amigo de toda a vida de Ringelblum, tinha uma lembrança mais positiva. Ele conta:

Edzia se tornou o favorito dos estudantes e jovens trabalhadores judeus em Sanz. O estudante de pele clara e bonito com sua capa de colegial atraía a atenção de todos. Seu riso alegre e sincero, suas canções folclóricas judaicas e suas canções socialistas ressoavam no parque da cidade, onde ele passava as noites de verão cercado de moças e rapazes.<sup>20</sup>

Talvez tanto Naygroshl como Mahler estivessem certos. É possível que o primeiro rememorasse a fase inicial de adaptação de Ringelblum a uma cidade estranha, enquanto o segundo descreva o rapaz quando já contava com mais amigos e desenvolvia atividades políticas.

No começo, Ringelblum teve dificuldade em se adaptar às diferenças culturais entre Sanz e Buczacz.<sup>21</sup> Ao contrário de Buczacz, Sanz era uma cidade maciçamente hassídica. Na verdade era o centro da grande dinastia Halbershtam. Como em muitos centros hassídicos, havia uma enorme distância entre a intelectualidade judaica e as massas judaicas. Um outro problema para Ringelblum era a língua. Ele

tinha sido educado em polonês, mas gostava muito do ídiche e ficou surpreso com a aculturação dos novos colegas de escola. Naygroshl relembrou que os colegas judeus da cidade “falavam sobre o sionismo em polonês, falavam sobre a autonomia nacional judaica em polonês, e até atacavam a assimilação judaica — tudo em polonês”.<sup>22</sup> Segundo seu amigo Yakov Kener, Ringelblum logo começou uma campanha para tentar persuadir os novos colegas a falar mais ídiche.

Esse amor pelo idioma certamente foi um fator fundamental no crescente interesse de Ringelblum pelo Poalei Sion. Outro estudante que também sentia esse interesse pela cultura ídiche era Saul Amsterdam, e foi ele quem recrutou Ringelblum para o partido.<sup>23</sup> Alguns anos depois, os caminhos dos dois viriam a se separar. Ringelblum continuaria no Poalei Sion e Amsterdam iria mudar seu nome para Gustaw Henrykowski e se tornaria um importante dirigente do Partido Comunista Polonês (KPP) — isto é, até 1938, quando Stálin ordenou sua execução. Mas, quando Ringelblum o conheceu em Sanz, encontrou nele um amigo que combinava o domínio da literatura política com um grande conhecimento da cultura ídiche secular. Amsterdam, que por sua vez tinha sido recrutado para o Poalei Sion por Schiper, conhecia os autores ídiches clássicos e também podia discorrer com segurança sobre David Bergelson, um estilista brilhante que representava uma nova geração de escritores ídiches. Era um orador excelente e debatedor brilhante. Rafael Mahler escreveu que Amsterdam fora a primeira pessoa em Sanz a falar um “ídiche literário”.

No Poalei Sion local, Ringelblum fez amizades que mudariam o curso de sua vida. Quando pensamos que todos esses amigos eram adolescentes numa obscura cidadezinha galícia, suas realizações no futuro se mostrariam de fato extraordinárias. Mendel Naygroshl se tornou um respeitado poeta ídiche e advogado em Viena. Saul Amsterdam veio a liderar o KPP do entreguerras. Rafael Mahler, que se tornou um dos maiores amigos de Ringelblum, e Arthur Eisenbach deixaram suas marcas como dois dos principais historiadores judeus da Europa Oriental de todo o século xx. (Eisenbach também se casaria com Gisa, a irmã mais nova de Ringelblum.)

Com a lenta dissolução do império dos Habsburgo sob o choque da guerra, Ringelblum e seus amigos em Sanz procuraram uma linha de ação política que desse sentido às revoltas que estavam mudando o mundo deles para sempre. As atrocidades russas contra os judeus na Galícia Oriental serviam de alertas brutais para lembrar a vulnerabilidade judaica numa Europa instável. Numa época de

privação e desespero, o judaísmo leste-europeu enfrentava um futuro incerto e procurava ansiosamente algum sinal de esperança. O final da guerra traria o socialismo? Os judeus obteriam igualdade civil e autonomia cultural? Na primeira semana de novembro de 1917 chegaram as notícias de dois grandes acontecimentos — a Declaração Balfour e a Revolução Bolchevique. A primeira oferecia a esperança de um lar nacional judaico na Palestina, e a segunda prometia eliminar o antissemitismo num novo Estado proletário. Ambas exerceram um grande impacto sobre os jovens judeus. Muitos correram para o he-Haluts, uma organização da juventude sionista, dispostos a se preparar para uma vida pioneira na Palestina. Outros tinham em vista Moscou e o novo partido comunista. O Poalei Sion tentou por muito tempo conjugar as duas coisas: a lealdade ao novo Estado soviético e o engajamento com um lar judaico na Palestina.

Um ano depois, em novembro de 1918, mais uma grande novidade transformou o mundo do judaísmo galício: o renascimento de um Estado polonês. A nova constituição polonesa prometia os direitos civis fundamentais aos judeus; mas, em vista da deterioração das relações entre poloneses e judeus, quanto valeriam tais promessas?

Em 1920, no meio de tantos turbilhões e mudanças, Ringelblum sofreu um grande choque. Ele havia concluído o colegial em Sanz e solicitou matrícula na Universidade de Varsóvia, para o curso de medicina. O secundarista recém-formado logo viu que, no novo Estado polonês, as promessas de direitos civis e igualdade perante a lei não deviam ser tomadas ao pé da letra. Uma carta da faculdade de medicina da Universidade de Varsóvia lhe trouxe a resposta negativa, informando-lhe que teria de procurar outro lugar para estudar, em vista do “*numerus clausus*”, a cota de matrículas de judeus. Indignado com essa discriminação flagrante — que não aconteceria nos tempos da monarquia dos Habsburgo —, Ringelblum pensou em ir para o estrangeiro.<sup>24</sup> Mas no final, possivelmente por razões financeiras, ele fez novo pedido de matrícula, dessa vez na faculdade de história, e foi admitido.

## VARSÓVIA

Quando Ringelblum chegou pela primeira vez a Varsóvia, em 1919, a nova capital polonesa vivia um rápido crescimento. Imigrantes esperançosos acorriam

à cidade vindos de todos os cantos da nova República, provocando uma séria escassez de moradias. No período do entreguerras, Varsóvia se tornou o centro cultural e político que ajudou a unir o povo polonês, por tanto tempo dividido. Durante décadas, os ocupantes russos tinham cercado a cidade com fortalezas militares, bloqueando sua expansão física. Agora a cidade polonesa era o símbolo do renascimento de uma nação. Os novos bairros residenciais, os edifícios do governo, teatros e centros de estudo superior refletiam o orgulho dos poloneses com a recente conquista da independência.

Varsóvia uniu não só os poloneses, mas também os judeus. Os partidos políticos e entidades assistencialistas judaicas montaram suas sedes centrais na capital. A cidade se tornou o lar da principal organização de escritores ídiches e hebraicos, bem como o mais importante centro do teatro ídiche. Vários diários ídiches tinham bases na cidade. Em 1923, foi lançado um novo diário judaico em polonês, *Nasz Przegląd*. Como se tornou o centro político e cultural do judaísmo polonês, Varsóvia pôs em contato as diferentes “tribos” judias que tinham passado a fazer parte do novo Estado. Ao longo dos séculos, desenvolveram-se distinções culturais importantes entre os “Litvaks”, judeus do Congresso da Polônia, e os galícios. Agora, na nova República polonesa, eram inevitáveis os atritos e as discórdias. Mesmo assim, aos poucos se foi formando uma nova entidade, o “judaísmo polonês”.

Ringelblum chegou a Varsóvia com pouquíssimo dinheiro e se sustentava dando aulas e fazendo traduções. Junto com o camarada de partido Daniel Leybel, ele traduziu *História econômica dos judeus na Polônia durante a Idade Média*, do dr. Isaac Schiper, do polonês para o ídiche.<sup>25</sup> No começo dos anos 1920, ele também exerceu o magistério nos cursos noturnos do Poalei Sion de Esquerda, por um salário ínfimo. Em 1926, foi para Vilna, onde durante um ano deu aulas no ensino secundário. No ano seguinte voltou a Varsóvia e conseguiu emprego de professor no Yehudia, um famoso liceu particular para moças judias. Continuou a lecionar no liceu até o final da década seguinte, mas ganhava pouco e procurava constantemente outras fontes de renda.

No Yehudia, Ringelblum conheceu Abraham Lewin, historiador e colega de docência que mais tarde veio a ser um colaborador muito próximo no Arquivo Oyneg Shabes. Uma de suas ex-alunas no liceu, sra. Hanna Hirschaut, se lembrava de Ringelblum como professor estimado, mas tímido. Ele se interessava pelas alunas, encorajando-as a continuar estudando numa época “em que nem se falava

em emancipação feminina”, como disse Hirschaut. Suas alunas — mocinhas ricas de famílias judias relativamente abastadas — às vezes lhe pregavam peças:

O dr. Ringelblum costumava chegar à sala de aula no último minuto, transpirando um pouco, com as roupas meio amarrotadas. Ele sempre pegava um suporte de caneta da carteira mais próxima, e ficava jogando e gesticulando com ele. Um dia ele entrou e pegou o suporte e encontrou dentro um arenque fedorento. Ele derrubou a coisa toda no chão e saiu correndo da sala. Fiquei com pena dele, ao ver como ficou transtornado. Ele voltou um pouco depois, sem mencionar o episódio para o diretor nem comentar o assunto conosco.<sup>26</sup>

Apesar das lembranças afetuosas da sra. Hirschaut, supõe-se que Ringelblum ensinava no Yehudia mais por necessidade financeira que por convicção. Em comparação aos trabalhadores pobres que assistiam a suas aulas noturnas, exaustos mas cheios de entusiasmo, suas alunas no liceu provavelmente exerciam um apelo muito menor a seu idealismo e senso de missão. Um livro publicado em Israel por ex-alunas do Yehudia, em edição própria, sugere que Ringelblum não causava tanta impressão em suas pupilas como Abraham Lewin ou outros. Inka Szwajger, filha da diretora, guardava lembranças de Ringelblum muito menos lisonjeiras que as de Hirschaut.<sup>27</sup>

Logo depois de chegar a Varsóvia, Ringelblum conheceu sua futura esposa, Yehudis (Judita) Herman. Quatro anos mais nova que ele, Yehudis Herman vinha de uma família hassídica de Varsóvia. Ela se filiou ao PTE, e foi lá que conheceu o futuro marido.<sup>28</sup> No entreguerras, ela ensinou em escolas públicas polonesas e nas escolas Borochoy, que eram dirigidas pelo PTE, e fez parte da Organização Central de Escolas Ídiches (Tsentrle Yidishe Shul Organizatsiye — CYSHO), de esquerda. O filho do casal, Uri, nasceu em 1930. Ringelblum era um pai amoroso e dedicado. Hirschaut lembrava que, “quando ele ia aplicar uma prova e queríamos lhe distrair a atenção, perguntávamos como estava passando seu pequeno Uri. Um sorriso iluminava seu rosto, e ele se empolgava contando como o garoto era esperto e como aprendia rápido”.<sup>29</sup>

Era quando terminava o período letivo no Yehudia que Ringelblum podia se dedicar ao que realmente lhe interessava: a política e a história. Ringelblum encontraria seu caminho na nova metrópole como jovem historiador e ativista político no Poalei Sion de Esquerda.